
APRESENTAÇÃO

Dentre as diversas ações do Proeja, desenvolvidas no Ifes *Campus* Vitória, destacamos aquelas direcionadas à formação de professores para atuarem, especialmente, na Educação Profissional integrada à Educação Básica na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Nesse sentido, nos dois primeiros números da Revista Debates em Educação Científica e Tecnológica, propomo-nos a apresentar as pesquisas inseridas no âmbito desta ação, com atenção especial aos trabalhos dos alunos da Especialização Proeja, do Instituto.

Nesta publicação, retomamos o número anterior e trazemos à tona pesquisas desenvolvidas por alunos da terceira turma da Especialização em Proeja. Este conjunto de artigos representa parte da produção científica em Proeja que vem sendo desenvolvida no Espírito Santo.

Os artigos tratam de questões diversas que permeiam o cotidiano do Proeja e da EJA e focam-se na percepção dos alunos acerca do Projeto Integrador; no lugar, ou no “não-lugar” ocupado por esses alunos; na discussão da Educação Ambiental no Proeja; nas condições da educação prisional sob uma ótica de uma formação humana integral; nas entrelinhas dos processos de inclusão e de exclusão de alunos jovens e adultos no sistema educacional; nas relações étnico-raciais presentes na EJA e no processo de juvenilização da Educação de Jovens e Adultos. Enfim, trazem um panorama amplo e diversificado, retrato bem traçado da especificidade, tanto da EJA, quanto do Proeja.

O texto de Samanta Lopes Maciel resgata as vivências, os olhares e os desafios dos sujeitos educandos do Curso Técnico Integrado de Segurança do Trabalho do Proeja do Ifes *Campus* Vitória, produzidos no desenvolvimento do Projeto Integrador. O percurso metodológico de viés qualitativo possibilitou a produção dos dados que apontam que há dificuldades de acesso, de falas e de posturas dentro da instituição. Essas questões evidenciadas na pesquisa refletem o processo de elitização da escola e que precisam ser superadas. Os referidos dados indicam também a possibilidade de envolvimento e de reconhecimento dos saberes dos educandos no percurso do Projeto Integrador, elemento considerado indispensável ao processo educativo.

“O CEFETES como não-lugar: limites e possibilidades na inclusão dos alunos do Proeja-Ifes *Campus* Vitória”, de autoria de Maria da Glória Médici de Oliveira, reflete acerca do “não-lugar” dos sujeitos do Proeja nos Cursos Técnicos Integrado de Metalurgia e Materiais e de Edificações. Utilizando como instrumentos metodológicos a abordagem do estudo de caso com grupo focal e com entrevista e questionário, a autora buscou identificar e analisar as posturas, os sentimentos e as relações presentes nas práticas pedagógicas dos professores - que expressam o “não-lugar” no cotidiano escolar dos alunos do Proeja. O trabalho apoia-se na discussão do “não lugar” em Marc Augé, no princípio de “identidade” discutido por Heidegger, na obra de Freire e de Zimmermann, *América Latina – o ‘não ser’*, estabelecendo um diálogo na perspectiva de melhor compreender a constituição do espaço de pertencimento do aluno do Programa.

Outro estudo privilegiando também o *Campus* Vitória como *lócus* de pesquisa é o de Kelly Maria Loureiro Godinho que versa sobre a “Educação ambiental e sua relevância para a formação do técnico de Edificações”. Os resultados da pesquisa detectaram o nível de envolvimento dos alunos com as questões ambientais, revelando seus anseios e suas dificuldades, como também os impasses que os professores encontram na Instituição para desenvolver os projetos e, até mesmo, as práticas que envolvam a Educação Ambiental (EA). A autora conclui que a EA está presente de maneira limitada e fragmentada nas práticas educativas do curso de Edificações do Proeja. E que essas não contribuem para que ocorra a integração entre os diversos conteúdos e os componentes curriculares com a EA, pois, no geral, os trabalhos não são propostos de maneira interdisciplinar e com a proposta de projetos. Assim, a maneira como as questões ambientais vêm sendo desenvolvidas nas aulas não permitem aos alunos problematizar sobre a importância da questão ambiental nos dias atuais.

Eduardo Teixeira Gomes afirma no seu artigo a “Educação para consciência histórica no sistema prisional” que a prisão existe para punir e segregar, entretanto, a mesma pode tornar-se um projeto de reconstrução de leituras e perspectivas. Voltada à consciência histórica, a pesquisa foi efetuada com viés bibliográfico e de cunho qualitativo e objetivou pensar princípios epistemológicos que respeitem a formação humana integral – no bojo dos princípios e conceitos em Educação Profissional Técnica Integrada a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Formação

inicial e continuada - Proeja-FIC. Constatou-se a precariedade da oferta educacional no caos em que se constitui o sistema prisional: o ensino descontínuo e atropelado pelas lógicas da segurança, a violação cotidiana dos direitos educativos dos encarcerados, a falta de preparo docente específico para o sistema prisional, entre outros fatores. Nesse contexto, defende uma revolução paradigmática: a formação de uma educação na prisão ao invés de uma educação estigmatizada para prisioneiros.

No trabalho “Inclusão e exclusão: o retorno e a permanência dos alunos na EJA” Jaqueline Cardoso discute a motivação que impulsiona os alunos, jovens e adultos a retornarem à escola, como também evidencia o que os docentes e os gestores pensam sobre esse retorno. Dialogando com Arroyo (2003; 2007), e Paiva (2007) na perspectiva da necessidade da garantia do direito à educação, empreendeu-se uma investigação de abordagem qualitativa, de caráter exploratório, com apresentação de um estudo de caso. Por meio da produção dos dados, constatou-se que os alunos apresentam histórias de vida similares, possuem famílias numerosas e devido a diversos fatores foram obrigados a abandonar a escola, mas agora viram a necessidade de retornar aos estudos. Enxergam a escola como uma possibilidade de ascensão social e de qualificação para alcançarem um bom emprego. Os professores, por sua vez, se veem como pessoas capazes de influenciar, se não no retorno, mas na permanência do aluno na escola.

O artigo de Luciano Oliveira aborda a questão étnico-racial na EJA no contexto das discussões geradas a partir da implementação da Lei nº 10639/03. Por meio da pesquisa de cunho quanti-qualitativo e com a realização de um estudo de caso em uma escola municipal de Cariacica, no Estado do Espírito Santo, concluiu que os sujeitos da EJA se reconhecem como afrodescendentes, mas ainda identificam o racismo no outro. Quanto aos docentes, aponta que é grande a desinformação sobre a referida lei. Afirma também que, apesar da presença majoritária dos afrodescendentes na modalidade EJA, as discussões sobre a referida temática não têm privilégio nesses espaços escolares.

Os dois trabalhos a seguir focam a temática da juvenilização dos sujeitos da EJA. O primeiro de autoria de Fernanda Schwanz Pompermair discorre sobre os jovens de uma escola pública, no município de Boa Esperança, no norte do Estado do Espírito Santo. Por sua vez, Vanilda Pereira de Oliveira desenvolveu sua pesquisa em uma escola pública da capital do Estado. Apesar das especificidades dos dois trabalhos, podemos apontar algumas confluências nos percursos e nos resultados das pesquisas.

Ambas as investigações pautaram-se no viés qualitativo para dar visibilidade aos sujeitos da EJA que, como sujeitos trabalhadores, estão inseridos no mercado de trabalho de forma precarizada, com baixa remuneração, com carga horária extensa e, muitas vezes, exercendo atividades na informalidade.

A produção dos dados revelam posições que desmistificam as visões negativas a eles atribuídas como: sem perspectivas, desorientados e irresponsáveis. O que se constatou é que esses educandos portam-se com maturidade e estão conscientes do papel que a escola adquire em suas vidas e de como assumem novas posturas por meio dela, principalmente no universo da EJA. Outra confluência que se pode depreender das referidas pesquisas é a necessidade de revisar as práticas pedagógicas para um trabalho escolar efetivo que considere as peculiaridades e a diversidade desses jovens.

Pretendemos, assim, com este segundo número da Revista Debates em Educação Científica e Tecnológica, não somente divulgar parte das pesquisas desenvolvidas no Proeja, mas também propiciar aos professores e pesquisadores interessados, possibilidades de vislumbrarem novas pesquisas e novos caminhos no Proeja.

Alex Jordane
Designer Instrucional da Especialização Proeja a distância
Ifes Campus Vitória

Maria José de Resende Ferreira
Coordenadora do Proeja
Ifes Campus Vitória

